

JIMMIE DURHAM

Artes Visuais x

ACHA QUE MINTO?



14 SET 2019 – 5 JAN 2020
Culturgest Porto

ACHA QUE MINTO?

O percurso de Jimmie Durham cruza a poesia, o ativismo político e a prática artística numa enorme coerência que tem dado novos sentidos à relação entre política e poética. Permanentemente questionando as representações identitárias oriundas das forças dominantes, os processos de exploração e os discursos de acantonamento do outro, a obra de Durham funciona como um espelho em relação às nossas próprias construções identitárias e representações mais atávicas.

A exposição que apresenta no projeto Reação em Cadeia retoma a exposição intitulada *História concisa de Portugal* que o artista apresentou em 1995, na Galeria Módulo. Esta foi a primeira presença do seu trabalho em Portugal e veio a ser relevante no seu percurso.

Inspiradas no livro *O ano da morte de Ricardo Reis*, de José Saramago (que Durham considera uma referência para si próprio e para a história do século XX), as obras incluem citações do texto que, datilografadas ou manuscritas, integram individualmente cada uma das peças, não se constituindo, no entanto, como metáforas ou ilustrações.

O trabalho artístico de Jimmie Durham é com frequência vinculado ao lugar específico onde é criado. Também as peças que integraram a exposição apresentada na Galeria Módulo partiram sempre do universo local: Lisboa. Construídas a partir de objetos encontrados pelas ruas da cidade (troncos e pedaços de madeira, pedras e peças variadas de metal, plástico, cerâmica ou tecido), parecem definir um universo precário e resgatado a um tempo indefinido. A relação paradoxal entre realidade e ficção, essencial na estrutura do livro de Saramago que narra o último ano da vida do mais famoso heterónimo de Fernando Pessoa, possui aqui um correlato expresso no título da exposição *Acha que minto?*, ele próprio uma citação do mesmo livro. Valerá a pena transcrever o texto de Saramago, por sua vez incluído numa das obras de Durham: “Acha que minto, Não, que ideia, aliás, nós não mentimos, quando é preciso limitamo-nos a usar as palavras que mentem.”

As frases (1995) consiste numa escultura que integra um lavatório banal quebrado e os restos da sua fratura espalhados no chão. Trata-se de uma obra que resultou da *performance* que o artista realizou na inauguração da exposição, na qual, após um monólogo sobre a generalidade do mundo proferido enquanto construía um machado com



Foi coincidência..., 1995. Madeira, pederneira, espelho, ferro, grafite sobre papel tecido e fotografia. Fotografia © Bruno Lopes

uma pedra, um tronco de madeira e uma tira de couro, subitamente, num gesto determinado e teatral, quebrou o lavatório.

A questão que Jimmie Durham traz à superfície é a da verdade da obra de arte, provavelmente um dos temas mais relevantes num mundo que esquece permanentemente a natureza ficcional da arte – o que não implica que não inscreva, na sua materialidade e no caráter representacional, uma intrínseca verdade paradoxal. A fragilidade e aparente vernacularidade das obras que integram a exposição joga, portanto, com a fina linha entre a produção do real e a recolha de objetos do mundo, num palimpsesto de sentidos que gera uma tensão entre o que nos é dado e o que construímos.

Para além das peças de 1995, o artista apresenta a obra sonora *SONG NC SHARP* (2006), que passou um longo período sem ser mostrada, e uma peça nova. A primeira regista o som de vidros a quebrarem, copos atirados contra o chão ou a parede pela mão do próprio artista; a segunda é uma escultura especificamente concebida para este projeto, que inclui pedras semipreciosas colecionadas por Durham ao longo dos anos.

No seu conjunto, estas obras retomam as temáticas que o artista tem vindo a desenvolver: a quebra, o estilhaçar do mundo e, simultaneamente, o seu encantamento assente no acidente e as políticas de representação identitária.

Acha que minto? constitui, desta forma, a recuperação de um momento importante no percurso de Jimmie Durham mas também uma ponte em relação ao seu trabalho presente, demonstrando a sua aguda atualidade.

DO YOU SAY I AM LYING?

Jimmie Durham's trajectory combines poetry, political activism and artistic practice with an immense coherence that has given new significance to the relationship between politics and poetry. Constantly questioning representations of identity originating from dominant forces, processes of exploitation and discourses of segregation of the other, Durham's work operates like a mirror in relation to our own identity constructions and most atavistic representations.

The exhibition presented in the project Chain Reaction draws on an earlier one by the artist entitled *Brief History of Portugal*, which was displayed in 1995 in Módulo Gallery. This was the first time his work was shown in Portugal and proved crucial to his subsequent trajectory.

Inspired by José Saramago's book *The Year of the Death of Ricardo Reis* (which Durham considers to be a reference book for himself and the history of the 20th century), the works include quotes from the text that, typed or handwritten, are individually integrated into each of the pieces, although the latter do not constitute metaphors or illustrations of the respective quotations.

Jimmie Durham's artistic work is frequently linked to the specific place where it is created. All the pieces displayed in the Módulo exhibition similarly had their origin in the local environment: Lisbon. Built from objects found in the streets of the city (branches and pieces of wood, stones and various bits of metal, plastic, ceramic and fabric), they seem to define a fragile world rescued from an undefined period in time. The paradoxical relationship between reality and fiction, essential in the structure of Saramago's book, which narrates the final year in the life of the most famous heteronym of Fernando Pessoa, relates explicitly to the title of the exhibition *Do you say I am lying?*, which is itself a quotation from the same book. An excerpt from Saramago's text, included in one of Durham's works: "Do you say I am lying? Of course not, we have never lied to each other; when it's necessary we just use words that lie for us."

One of the works on display, *As Frases* [Sentences] (1995), is a sculpture consisting of a broken sink and its shattered fragments which are scattered across the floor. This work is the result of the performance carried out by the artist at the exhibition's inauguration, where, after giving a monologue about the generality of the world while



making an axe out of a stone, a piece of wood and a strip of leather, in a determined and theatrical gesture, he suddenly smashed the sink into pieces.

Jimmie Durham brings to the surface the issue of the truth of the artwork, probably one of the most relevant themes in a world that is constantly forgetting about the fictional nature of art – not necessarily implying that it lacks an intrinsic paradoxical truth in its materiality and representational nature. The fragility and apparent vernacularity of the works that make up the exhibition play with the fine line between the production of the real and the collection of mundane objects, in a palimpsest of meanings that generates tension between what is given to us and what we construct.

In addition to the works from 1995, the artist presents a sound piece *SONG NC SHARP* (2006), which has not been exhibited for several years, alongside a new piece of work. The first is a recording of the sound of glass breaking: glasses being smashed against the floor and the wall by the artist himself. The second is a sculpture specifically conceived for this project, which includes semi-precious stones that Durham has been collecting over the years.

Together, these works draw on themes that the artist has developed in the past: the breaking and shattering of the world and, simultaneously, its fascination rooted in chance and the politics of representation of identity.

Thus, *Do you say I am lying?* is not just the recuperation of a significant moment in Jimmie Durham's career, but also a bridge in relation to his current work, demonstrating its acute actuality.



Parecem dramáticos..., 1995. Madeira, ferro e impressão sobre papel.
Fotografia © Bruno Lopes

JIMMIE DURHAM

Nasceu nos EUA, em 1940. Iniciou o seu percurso como ativista político, poeta e *performer* muito jovem, no início da década de 1960. Em 1969, já em Genebra, estudou escultura e performance na École National Supérieure des Beaux Arts.

De regresso aos Estados Unidos envolveu-se com o American Indian Movement, do qual integrou o conselho central e, posteriormente, dirigiu o International Indian Treaty Council, tendo vindo a representá-lo nas Nações Unidas.

Em 1980, voltou a dedicar-se à arte, mantendo, no entanto, o ativismo político e associativo. Deixou os Estados Unidos em 1987 e foi viver para Cuernavaca (México), período durante o qual participou em exposições internacionais de referência, como a Documenta (Kassel, Alemanha) ou a Bienal de Whitney (Nova Iorque, EUA). Estabeleceu-se na Europa em 1994, residindo atualmente entre Berlim e Nápoles.

Os seus textos foram reunidos no livro *A Certain Lack of Coherence* (Kala Press, 1993), tendo sido publicado um segundo volume mais recentemente: *Jimmie Durham: Waiting to be Interrupted. Selected Writings 1993–2012* (M HKA e Mousse Publishing, 2014).

Em 2017, foi objeto da exposição retrospectiva *Jimmie Durham: At the Center of the World*, organizada e apresentada pela primeira vez pelo Hammer Museum (Los Angeles, EUA), tendo passado posteriormente por Walker Art Center (Minneapolis, EUA), Whitney Museum of American Art (Nova Iorque, EUA, 2017-2018) e Remai Modern (Saskatoon, Canadá, 2018).

Este ano ganhou, na 58.ª Bienal de Veneza, o Leão de Ouro pelo conjunto da sua obra.

Born in the USA, in 1940. Began his career as a political activist, poet and performer at a very young age in the early 1960s. In 1969, while living in Geneva, he studied sculpture and performance at the École National Supérieure des Beaux Arts.

When he returned to the United States he got involved with the American Indian Movement, becoming a member of its central council, and later directed the International Indian Treaty Council, which he represented in the United Nations.

In 1980, he returned to art, but maintained his political activism and associations. In 1987 he left the USA for Cuernavaca (Mexico), for a period during which he participated in important international exhibitions, such as Documenta (Kassel, Germany) and the Whitney Biennial (New York, USA). He moved to Europe in 1994 and currently divides his time between Berlin and Naples.

His writing was brought together in the book *A Certain Lack of Coherence* (Kala Press, 1993), with a second volume being published more recently: *Jimmie Durham: Waiting to be Interrupted. Selected Writings 1993–2012* (M HKA and Mousse Publishing, 2014).

In 2017, he was the object of the retrospective exhibition *Jimmie Durham: At the Center of the World*, organised and hosted by the Hammer Museum (Los Angeles, USA), and later exhibited in other places: Walker Art Center (Minneapolis, USA), Whitney Museum of American Art (New York, USA, 2017-2018) and Remai Modern (Saskatoon, Canada, 2018).

This year he won the Golden Lion for Lifetime Achievement at the 58th Venice Biennale.

REAÇÃO EM CADEIA

Reação em Cadeia é o título do projeto que resulta da colaboração entre a Fidelidade Arte e a Culturgest, com curadoria de Delfim Sardo. A proposta consiste em implicar os artistas na seleção dos seus pares, que irão suceder-lhes no espaço da Fidelidade Arte (primeiro) e da Culturgest Porto (em seguida). Assim, o curador dirigiu o primeiro convite a Ângela Ferreira (Maputo, 1958), cuja exposição inaugurou este ciclo e de quem partiu a escolha sobre Jimmie Durham, como seu sucessor. Por sua vez, o artista norte-americano que agora se apresenta, colaborou na seleção do artista seguinte, Elisa Strinna (Pádua, 1982).

As três intervenções conhecerão diferentes declinações no espaço da Fidelidade Arte e da Culturgest Porto, nomeadamente com a presença de obras diferentes, resultado de profundas adaptações dos projetos à diferente natureza dos dois espaços.

No final de cada ano será publicado um livro que compilará a memória dos três projetos do ano, com extensa documentação sobre o seu desenvolvimento.

Chain Reaction is an ongoing collaboration between Fidelidade Arte and Culturgest, curated by Delfim Sardo. The proposal consists of involving artists in the selection of their peers, who will follow them at Fidelidade Arte (first) and at Culturgest Porto (subsequently). The curator invited Ângela Ferreira (Maputo, 1958), whose exhibition inaugurated this cycle and who chose Jimmie Durham as her successor. In turn, the North American artist collaborated in the selection of the following artist, Elisa Strinna (Padua, 1982).

The three interventions will be presented in different ways in Fidelidade Arte and Culturgest Porto, namely with the presence of different works, the result of profound adaptations of the projects to the different nature of the two spaces.

At the end of each year a book will be published compiling the memory of the three projects that took place that year, with extensive documentation of their development.

Acha que... 1995. Madeira, tinta acrílica, tinta da China, aço, alumínio e concha. Fotografia © Bruno Lopes





CURADORIA
Delfim Sardo
ASSISTENTE
DE CURADORIA
Sílvia Gomes
COORDENAÇÃO
DE PRODUÇÃO
António Sequeira Lopes
PRODUÇÃO
(CULTURGEST PORTO)
Susana Sameiro
ASSISTENTE
(CULTURGEST PORTO)
Rui Osório
MONTAGEM
Bruno Fonseca
Renato Ferrão

AGRADECIMENTOS
Ângela Ferreira,
Cristina Pacheco,
David Santos,
Direção-Geral do
Património Cultural,
Embaixador Filipe
Albuquerque e esposa,
Francisca Sousa,
Holma / Ellipse Foundation,
Isabel Carlos,
Isabel Corte-Real,
Kai-Morten Vollmer,
kurimanzutto Mexico City/
New York,
Mafalda Barbosa,
Maria Pinto Basto,
Maria Thereza Alves,
Mário Teixeira da Silva,
Paula Silva,
Pilar del Río,
Ricardo Gonçalves,
Rita Lougares,
Rosário Sousa Machado,
Teresa Revêš

PARCERIA



Próximas exposições

O QUE É O ORNAMENTO?

Artes Visuais x

TRIENAL DE ARQUITECTURA DE LISBOA

5 OUT – 1 DEZ 2019

Galerias

ELISA STRINNA

Artes Visuais x

SOL CEGO

25 JAN – 24 MAI 2020

Culturgest Porto

Culturgest